



Cotidiano e Comunicação na Comunidade Pesqueira da Ilha de Deus¹

Angelo Brás Fernandes CALLOU²

Maria Salett TAUK SANTOS³

João Paulo da SILVA⁴

Ladjane Milfont RAMEH⁵

Maria Augusta Amaral Vieira de MELO⁶

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é analisar o cotidiano doméstico da comunidade Ilha de Deus, Recife, Pernambuco, a partir das redes de comunicação que se estabelecem através das relações interpessoais de famílias envolvidas com a pesca. O itinerário teórico-metodológico da pesquisa foi constituído a partir dos conceitos de redes, cotidiano e história oral, utilizados na caracterização do objeto e no processo de coleta e análise dos dados obtidos com entrevistas semi-estruturadas. Os resultados do estudo inserem a Ilha de Deus na condição de culturas populares, quando afirmam que tais culturas se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens materiais e simbólicos.

Palavras-chave: cotidiano; comunicação; pesca.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo⁷ tem por objetivo analisar o cotidiano doméstico das famílias envolvidas com a atividade da pesca na comunidade de Ilha de Deus, em Recife, Pernambuco, no intuito de observar como esses grupos se organizam no que se refere ao trabalho, à apropriação de serviços públicos, à participação em atividades de lazer e à formação de redes, que resultam das relações interpessoais que se estabelecem dentro e fora da comunidade.

A Ilha de Deus, selecionada como objeto de estudo deste trabalho, está localizada no centro de um manguezal, onde o acesso é feito por meio de barco ou por uma rústica ponte construída recentemente. A característica de ilha contribui para a construção da identidade de “morador da Ilha de Deus”. Outra condição que reforça

¹Trabalho apresentado no NP Comunicação Científica, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Professor Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Doutor em Ciências da Comunicação e Coordenador do programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX). peixes@elogica.com.br

³Doutora em Ciências da Comunicação e professora do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX), da UFRPE. mstauk@terra.com.br

⁴Mestrando do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da UFRPE.

⁵Mestranda do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da UFRPE.

⁶Mestranda do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da UFRPE.

⁷Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla - “Pescando Pescadores: Políticas Públicas e Extensão Pesqueira para o Desenvolvimento Local” -, desenvolvida no âmbito do Projeto Casadinho (CNPq, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da Universidade Federal de Pernambuco).



essa identidade é a atividade da pesca, uma vez que a maioria das famílias exerce, como meio de subsistência, alguma atividade relacionada a esta prática.

O aporte teórico da pesquisa fundamentou-se nos conceitos de cotidiano e redes de comunicação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, além de consultas a textos disponíveis em meio eletrônico. Em um segundo momento, procedeu-se com a pesquisa de campo que consistiu em observações do ambiente doméstico e entrevistas semi-estruturadas.

Por ser uma comunidade de pescadores, a Ilha de Deus se configura como um ambiente propício para estudar o estabelecimento de redes de comunicação, visto que a atividade econômica principal é eminentemente artesanal e requer atuação coletiva de seus agentes sociais, o que facilita a geração de vínculos. Além disso, a comercialização do pescado exige a geração de contatos externos.

Nesse contexto, esta pesquisa busca analisar o cotidiano doméstico das famílias que ali residem, considerando aspectos relacionados ao trabalho, às relações de interação, ao uso dos meios de comunicação, ao lazer, entre outros. O cotidiano, segundo Heller (1972), representa a vida do homem por inteiro, o que nos remete à idéia de que não se pode dissociar o cotidiano da história da sociedade, pois esta é produzida e reproduzida no cotidiano.

Para analisar o cotidiano doméstico e as relações interpessoais que se estabelecem na Ilha de Deus, decidimos considerar a perspectiva dos seus moradores, visto que a construção desse relato se dá a partir das suas vivências e memórias, sejam elas coletivas ou individuais. Sendo assim, a história oral representa uma possibilidade de registrar a memória viva de um determinado indivíduo ou grupo. Segundo Berger (1974), esse método possui caráter descritivo, passível de várias interpretações da realidade, que são vistas e aceitas como certas. No caso do cotidiano, esta interpretação está relacionada com os costumes, valores, experiências, enfim com a história de vida de cada indivíduo. A história oral, assim, representa a escrita do conhecimento transmitido, através da língua falada, por aqueles que vivenciaram os fatos.

Partindo da afirmação de Alberti (1989, p. 52), de que a história oral é “um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo...”, buscamos nas entrevistas realizadas com os moradores da comunidade conhecer a conjuntura da Ilha de Deus, a partir do cotidiano doméstico e das relações que se



estabelecem a partir dos lares, considerando que todos os indivíduos e grupos sociais são protagonistas na formação da história da comunidade.

Utilizamos ainda, como estratégias de história oral, visitas ao local da investigação⁸, observação não-estruturada e roteiro de entrevista semi-estruturado. Este último, abordou questões subjetivas relacionadas com a cotidianidade na Ilha, privilegiando as seguintes variáveis: a história da apropriação do espaço da Ilha de Deus pelas famílias, a constituição familiar e suas relações interpessoais, as formas de inserção e integração comunitárias dessas famílias, fonte de renda das famílias e aspirações para o futuro.

A seleção da amostra partiu, inicialmente, da indicação realizada por representantes de uma organização comunitária localizada na Ilha, que nos encaminharam até a uma das residências. Depois de concluído o levantamento dos dados com a primeira família, foi indicada, por integrantes da mesma associação, uma segunda residência. Ambas as entrevistas foram realizadas em único dia, no final de semana.

Ao concluir os primeiros levantamentos, optamos por retornar à Ilha em um dia útil e, sem indicações, abordamos moradores de forma aleatória. Nessa visita, nos deparamos com a presença das mulheres e de algumas crianças no ambiente doméstico, já que os homens, naquele horário, estavam trabalhando na pesca. Em virtude dessa mudança, não foi encontrada a mesma atmosfera agitada que fortemente caracterizou a primeira visita realizada no final semana. Ao todo foram entrevistados representantes de quatro famílias.

2. COTIDIANO, FAMÍLIA E REDES DE COMUNICAÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS

O cotidiano trata da repetição e distribuição das ações diárias, ou seja, é a organização das atividades do dia-a-dia, da vida individual, executadas repetidamente em determinado espaço (MARTINS, 2002). Dessa forma, o espaço onde acontecem as práticas cotidianas “aparece como um campo de possibilidades onde se dá a prática social” (p. 56).

Segundo Heller (1972), a vida cotidiana é heterogênea na produção de seu conteúdo de significações, bem como no processo de desenvolvimento de vários tipos de atividades: trabalho, lazer, atividades sociais, entre outras. A respeito do cotidiano, Sousa (1986, p. 96) afirma:

⁸ Foi realizada uma visita exploratória, seguida uma breve revisão bibliográfica que respaldou a construção dos instrumentos da pesquisa a serem aplicadas em um segundo momento nas visitas de campo.



O cotidiano é hoje redescoberto como momento de análise do dado social na complexidade que esse mesmo social envolve, a perspectiva de que o cotidiano possa ser o espaço onde os processos simbólicos são elaborados e reelaborados em si mesmo e a partir das relações que tem com outros processos simbólicos, faz do cotidiano como tal o espaço mesmo de compreensão do processo simbólico e das relações de poder que aí se imbricam.

É sob esse aspecto que vários pesquisadores da comunicação encontram no cotidiano a possibilidade de formular e rever teorias tradicionais dessa área do conhecimento científico. Como exemplo se têm os estudos realizados por Jesús Martín-Barbero sobre as mediações culturais, que representam a influência de diversas instituições, organizações e matrizes culturais que atuam na produção do sentido. Essa produção se refere aos usos que as pessoas fazem da informação no seu cotidiano, a partir de estâncias mediadoras que podem resultar na aceitação, rejeição ou refuncionalização de uma determinada informação pelo grupo ou indivíduo considerado receptor.

A família, como uma das principais mediações da cultura, é um terreno privilegiado para estudar o cotidiano e as relações que se estabelecem e que são inerentes às atividades humanas. Segundo Afonso e Figueiras (*apud* SANTOS; ADORNO, 2002, p. 76) “a família deve ser vista como um sistema em troca permanente com o seu meio, que recebe pressões sociais, mas que, também, através das soluções cotidianas, dos pequenos e grandes rearranjos nas relações interpessoais, inventa cultura”.

Tendo em vista que a família não é um fenômeno natural e sim uma construção social que se modifica através da história, neste trabalho adotamos, a partir do conceito do IBGE (2007), a definição de família como um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica, que vivem no mesmo domicílio. Por parentesco entende-se uma estrutura formal por meio da qual se estabelecem relações básicas de consangüinidade entre irmãos, de descendência entre pais e filhos e de afinidade que acontece através do casamento, assim como os laços de aliança que vão além de uma unidade familiar, que podem trazer, com esse arranjo, filhos oriundos de outros relacionamentos.

Os arranjos familiares têm dinâmicas próprias que vão além da sua estruturação, ou seja, se estendem para uma sociabilidade externa e se relacionam com as redes de vizinhanças. Segundo Sarti (2003), as interações que se formam em torno dos filhos, das



vizinhanças e parentes são elementos importantes na constituição das redes familiares, principalmente nos contextos populares.

Acerca dessa discussão, Berardi (2003, p. 289) define redes como um “modelo de concatenação dos segmentos produtivos e lingüísticos”. Complementando, Sorj (2003) afirma que a principal característica das redes de comunicação é a participação e circulação de informação, processo responsável pelo desencadeamento de inúmeros momentos de interação entre emissor e receptor coexistentes no processo comunicacional. Nesse contexto, Marcondes Filho (1998) coloca que a existência das redes está associada à democratização dos meios de comunicação, pois tem demandado uma maior participação do sujeito.

Nesse diálogo, é possível concluir que redes são mecanismos que promovem a interação pessoal e interpessoal através da circulação democrática ou não de informação entre os diferentes segmentos sociais, possuindo suas diversas finalidades e métodos de articulação, mas que apresentam em comum a necessidade da participação, elemento fundamental para o estabelecimento de um processo de comunicação.

Diante dos fatores acima discutidos é que consideramos relevante discutir as representações que as famílias da localidade de Ilha de Deus apresentam em sua vida cotidiana, visto que a partir dessas representações é possível identificar redes de interação dentro e fora do espaço pesquisado.

3. ILHA DE DEUS

A comunidade Ilha de Deus, situada no Bairro do Pina, com uma área de 0,1 quilômetro quadrado e distante 4,3 quilômetro do Marco Zero da Cidade do Recife é uma área de preservação permanente, caracterizada pela Prefeitura como:

Zona Especial de Proteção Ambiental – ZEPA, e não pode ser consolidada no local. A sua transformação em ZEIS em 1995, por lei municipal 16.103, reconhece o direito a moradia e o tempo de permanência da comunidade na área (PNUD, 2005, p.01).

A Ilha, no centro do manguezal, na reserva estuária da bacia do Pina, começou a ser ocupada nas primeiras décadas do século XX, e desde o início de sua constituição, a pesca vem sendo a atividade econômica predominante. O manguezal, vegetação característica da paisagem recifense, é fonte de atividades de sobrevivência relacionadas com a pesca, no caso da Ilha, de camarões, caranguejos, unhas-de-velho, siris e sururus.

Segundo os dados da pesquisa sobre o perfil da família da comunidade de Ilha de Deus, em 2002, incluindo os moradores das palafitas nas margens do rio, havia 436



famílias, totalizando 1.924 habitantes. Contudo, na Ilha, propriamente dita, há 981 habitantes em 229 domicílios (OLIVEIRA, 2003). Em 2000, 42,3% da população não tinham rendimento e 35,8% recebiam até 01 (um) salário mínimo. Com relação à educação, 50,5% da população, entre sete e catorze anos, e 51,4% com mais de 25 anos eram analfabetas. Quanto a acesso a bens e serviços, apenas 22,1% das moradias tinham água encanada (PNUD, 2005).

Existem na comunidade agentes de saúde, que são da própria localidade e que visitam as famílias, além dos seguintes serviços públicos: um posto de saúde, uma escola de ensino fundamental, uma creche, uma escola comunitária, uma escola particular, uma capela, uma igreja evangélica, uma organização de moradores, uma rádio comunitária, um grêmio de futebol, com o respectivo campo e inúmeros pequenos estabelecimentos de comércio informal.

Incluindo o local onde se encontram as palafitas, a maior parte do espaço da Ilha de Deus é área alagadiça, que aos poucos vem sendo aterrada com as cascas dos mexilhões pescados nos seus arredores. As conchas estão espalhadas em todos os lugares, caracterizando as ruas da Ilha em um falso sambaqui, caminhos estreitos, tortuosos com esgoto a céu aberto, entre as moradias, botecos e os demais estabelecimentos comerciais. Além de aterramento das ruas, as conchas também são utilizadas nas encostas das moradias, para impedir, segundo moradores da Ilha, a entrada das águas das chuvas e marés.

A Ilha de Deus é cercada por viveiros de camarões e palafitas - um sistema construtivo sobre pilotis de madeira, acima da altura da maré, usado em regiões ribeirinhas. A poluição que vem com o rio, principalmente resíduos plásticos, se entrelaça nas madeiras das palafitas e entra nos viveiros.

A umidade das palafitas, o lixo nos viveiros e nos quintais das casas e a falta de saneamento básico exalam um odor peculiar de água contaminada. A maneira desnivelada como que os contextos populares têm acesso a bens e serviços, denuncia um processo de exclusão social dos moradores da Ilha (CANCLINI, 1995).

Um aspecto que chama atenção na comunidade é a exposição do cotidiano doméstico. Da rua, entre o som do “brega” que toca no mais alto volume e os gritos da senhora que oferece peixe num carro de mão, ouvimos o som de uma torneira aberta e vemos a mulher que trata a galinha na pia do quintal. De tempos em tempos a dona de casa apanha o balde que junta a água e os resíduos resultantes da atividade e joga no terreno, Animais se alimentam desses detritos a céu aberto. Olhando para outro lado,



vemos a moça que, com capricho, pinta as unhas dos pés ao lado da criança que se refresca num banho de bacia. As roupas estendidas à vista de quem passa, as casas sempre de portas e janelas abertas, as pessoas que fazem da rua sua sala de estar para o bate papo com os amigos, as crianças de várias famílias que se misturam descalças, e não raramente sem roupas, nas brincadeiras de rua, a menina que descasca laranja próxima aos homens que bebem, fazem crer que as pessoas não se incomodam em revelar sua intimidade. Fica difícil até de definir os limites entre o público e o privado nas vidas dessas pessoas.

A proximidade física das casas força uma coletivização, configurando certa ausência de privacidade na unidade domiciliar. Se, por um lado, a proximidade possivelmente contribui para um desgaste nas relações de vizinhança, por outro, consolida as interações interpessoais. O espaço como lugar e as práticas sociais são indissociáveis na vida cotidiana, e as relações que se dão na vizinhança exercem um papel importante na “sociabilidade” que “será mais intensa quanto maior a proximidade entre as pessoas envolvidas” favorecendo a solidariedade, a criação de laços culturais e de uma identidade (SANTOS, 2006, p. 318).

Dentro dos lares vemos que a área reduzida para um grande número de moradores dificulta a delimitação de espaços destinados a cada pessoa. A sensação que se tem é de que não se pode ficar sem ser visto a todo momento por todos da casa. Os quartos, espaços onde se dorme, se troca de roupa e se dão os momentos mais íntimos dos casais podem ser vistos com facilidade através das cortinas de tecido improvisado que fazem as vezes de paredes e portas. Além disso, em muitas casas crianças e adultos dormem no mesmo espaço.

Nas visitas realizadas nos sábados, o que se viu foi um ambiente permeado pelas atividades de lazer comuns nos fins de semana de contextos populares: consumo abundante de bebida alcoólica e muitas pessoas nas ruas, residências e bares com aparelhos de som ligados em alto volume, além de crianças correndo e brincando na rua.

4. O COTIDIANO DA ILHA DE DEUS A PARTIR DE SEUS PROTAGONISTAS

Quanto à constituição familiar e suas relações interpessoais, em cada uma das quatro residências visitadas, encontramos famílias ditas nucleares, ou seja, constituídas por pai, mãe e filhos. Em uma das mais antigas famílias da Ilha, mora apenas o casal. Todos os seis filhos moram na comunidade, “três homens trabalham na pescaria e duas filhas catam mariscos, só tem um que está na padaria”. Às vezes os netos ficam com o



casal após sair da creche da Ilha, e os pais vêm buscar a noite. No momento da visita, havia uma filha gestante, que estava na casa dos pais para ter um apoio: “Também porque na casa dela está chuviscando muito”, afirma a mãe.

Em outra residência observada vive um jovem casal com quatro crianças. Duas filhas dela, do primeiro casamento, e dois filhos dele com outra mulher: “Fora a dela que encarna aqui também, as dos vizinhos, minha casa parece uma creche”, afirma a dona da casa apontando para uma amiga que estava presente. Quando perguntamos se as duas eram da mesma família, com naturalidade uma delas respondeu: “Quase que a gente era irmã mesmo [...]”, se referindo ao fato de possuírem um irmão em comum.

Em relação à apropriação do espaço da Ilha pelas famílias entrevistadas, observamos que, em todos os casos, a mesma foi motivada pelo envolvimento com a atividade da pesca. Um dos entrevistados, que chegou à Ilha em 1969, acompanhado pelos pais pescadores, afirma: “desde os sete anos minha vida é só dentro da pesca”. Hoje, aos 53 anos, é casado há 32 anos e tem seis filhos, duas mulheres que catam crustáceos e quatro homens, dos quais três trabalham na pescaria. Outra entrevistada, relembando a sua origem, relata: “meu pai era pescador e minha mãe ajudava ele”.

Uma das mais antigas moradoras da Ilha afirma que criou os filhos a partir da pesca e quando questionada sobre seu envolvimento com a atividade, diz que desde criança, quando residia em Nova Descoberta [Recife], saía para pescar em Olinda. Ao casar-se pela primeira vez, manteve a tradição da pesca junto com o marido, que por sua vez já cultivava laços com a Ilha de Deus mediante a pescaria. Ao separar-se, a entrevistada explica que foi com o segundo marido que resolveu se transferir à Ilha, local que até então desconhecia.

No início construíram uma casa de tábua, coberta com palha de coqueiro porque o casal temia ser despejado do local. “Meu marido dizia: ‘eu não vou botar telha não porque isso vai sair’ [...] Desde que eu cheguei aqui que essa Ilha sai e ainda não saiu”. O casal resolveu então se manter no mesmo local e investir na melhoria da residência:

As crianças estudavam à tarde e pela manhã iam pra maré tirar unha de velho ou iam pra Bacardi e traziam o barco cheio de areia, iam pra escola e eu ficava tombando a areia pra construir a casa.

O marido trabalhava na maré à noite e durante o dia cavava o viveiro. Atualmente, a ampla casa de alvenaria se destaca no local. Quanto ao legado material que ficou para a viúva, ela afirma:

Ele morreu e não me deixou desamparada, não. Eu tenho um viveiro de camarão. Eu tenho quatro pocinhos [...]. Eu dividi pra minhas filhas. Dei um pra cada uma e fiquei com um pra mim e pra minhas duas filhas que moram comigo.

É importante frisar, também, que a filha mais velha dessa entrevistada encontra-se cursando a Licenciatura em Pedagogia, em uma Instituição de Ensino Superior particular do Recife. O fato chama a atenção, quando nos remetemos ao nível médio de escolaridade das famílias residentes na Ilha de Deus.

Em outra família, uma entrevistada, de 22 anos, afirma ter vindo do município de Jaboatão dos Guararapes ainda criança, acompanhada da mãe. Ela afirma não conhecer o pai e explica que o marido, de 42 anos, trabalha na pescaria. Possui duas filhas de genitores diferentes, uma com dois anos de idade e outra nascida há dez meses. A casa de palafita na qual reside atualmente foi adquirida pelo sogro e alugada ao casal. Porém a entrevistada explica que até o momento não efetivaram o pagamento de nenhum mês correspondente ao aluguel. Questionada sobre o grau de escolaridade, explica que abandonou os estudos na terceira série do ensino fundamental, justificando com naturalidade: “porque eu queria mais é viver na bagaceira [...]. Porque eu vivia nas drogas”.

Das quatro famílias pesquisadas, a descrita acima se apresenta como o caso mais evidente de envolvimento com drogas ilícitas. A entrevistada afirma que iniciou o uso de drogas na Ilha, mas não lembra com que idade. A partir do relato dos demais integrantes familiares, constatamos que, por anos, a localidade foi marcada pelo tráfico de drogas que era destinado a pessoas de dentro da Ilha de Deus ou aquelas que residiam em regiões próximas. Hoje, segundo a entrevistada, mesmo com a prisão do principal traficante, a venda e o consumo de entorpecentes na localidade ainda existem em abundância.

Atualmente, a entrevistada afirma ter interrompido o uso de entorpecentes: “quando eu engravidei da minha primeira menina aí eu fiz mesmo assim: ‘ôxe eu vou é deixar, isso não tem futuro não’, aí eu peguei e deixei até hoje”. Questionada sobre os tipos de drogas que já consumiu, ela responde: “maconha, cocaína, *crack*, tudo, tudo, tudo de droga, menos cola, mas o resto era tudo”. Entre as consequências do vício, ela afirma que “fazia prostituição, fazia tudo, tudo que não presta eu fazia”.

Apesar de assegurar que não faz mais uso de drogas, a entrevistada ainda revela o medo de voltar ao vício. Quando foi morar com o marido ela já havia abandonado as drogas:

Mas ele vivia nas drogas também. Eu já tinha deixado. Aí eu fiz mesmo assim: pra tu morar comigo e tu fumar é melhor a gente nem morar porque se eu vir, porque o diabo atenta, o diabo vai e atenta no couro da pessoa vai e fuma também junto com ele, né não? [...] Pois deixa essas drogas que eu moro com você. Ele deixou.

Em outra residência foi entrevistada uma jovem de 24 anos, nascida na Ilha de Deus, mas que, após a separação dos pais, morou durante cinco anos em Vila São Miguel e três anos no Estado de São Paulo, onde foi acolhida pelo único irmão que a delegou a tarefa de cuidar de seus filhos enquanto estivesse trabalhando. Quando retornou à Ilha, trouxe duas filhas de um relacionamento que teve em São Paulo, uma hoje está com cinco anos de idade e a outra com três. Atualmente, vive com o segundo companheiro, que trabalha em uma prestadora de serviços localizada no bairro de Peixinhos, Olinda, e que também possui dois filhos provenientes de casamento anterior, um de seis e outro de quatro anos de idade, que moram todos na mesma residência junto com os filhos da entrevistada. Esta, antes de casar-se novamente, pescava na Ilha, mas por determinações do atual cônjuge, teve que se desligar da atividade e passou apenas a “tirar da bucha” o sururu sob encomenda e receber pelo serviço semanalmente. “Meu marido tem ciúme da própria sombra. O negócio dele é me achar dentro de casa”, afirma. A jovem explica que “lá [no local da pesca] dá muito homem” e para não sujar as roupas de lama os pescadores ficam só de cueca, o que não é encarado com naturalidade pelo seu marido.

Ao analisar a relação desse casal, questões ligadas à violência doméstica puderam ser percebidas durante a entrevista. Observemos a fala da jovem:

Uma vez ele deu uma tapa na minha cara, ele me mordeu, eu dei-lhe duas facadas nele, botei ele pro hospital. [Depois de esfaqueá-lo] tirei a minha roupa e fui dormir. Se ele me bater, eu não entrego aos homens [polícia], eu mato. Se eu mandar ele pra o presídio eu posso me arrepender e me virar aqui fora pra levar as coisas pra ele lá dentro. [...] Cada murro que ele der em mim é uma facada que eu dou nele.

Pudemos observar durante as visitas ao local de pesquisa que o consumo de bebidas alcoólicas é muito freqüente entre moradores da Ilha de Deus. Tal hábito e os problemas dele decorrentes também aparecem nas falas dos entrevistados.



Uma entrevistada, que teve 16 filhos, afirma que um deles morreu há um mês. “De repente tomou uma bicada e quando saiu, já saiu morrendo”. Sobre outro filho, afirma: “Tem um que vem e come que é bebo safado. Já hoje eu passei por ele e dei-lhe um tabefe ele ia caindo ali”. Essa mesma mulher afirma que brigas eram constantes em sua relação com o segundo marido porque ele bebia muito e ela não queria que ele bebesse. Ela chega a afirmar que certa vez resolveu beber também pra ver se dava certo, mas desistiu: “eu vou é matar o diabo, eu não bebo não, fica com tua cana”.

Em outra residência, o contato com o casal transmite uma harmonia que segundo a mulher só passou a existir depois que o marido, por motivo de saúde, parou de beber há onze anos. Ela afirma que entre os pescadores o hábito de beber é muito freqüente e relata que esse vício acaba acarretando graves problemas de relacionamento em família.

As visitas à Ilha revelaram a carência de alternativas de lazer. Entre as opções de lazer comunitário disponíveis aos moradores, observamos bares e bodegas, que entre outros artigos vendem bebidas e cigarros que são consumidos frequentemente em encontros que se dão diante dos próprios estabelecimentos. A rádio comunitária Boca da Ilha, apoiada pelo Conselho Médico de Pernambuco (CREMEPE), entre outras ações, articula atividades culturais como o Teatro de Rua da Ilha (TRILHA), que realizou recentemente a peça Menina Abusada. Outra atividade que ocorreu há pouco tempo foi o mutirão de grafitagem promovido pela Rede de Resistência Solidária.

Existe ainda um grêmio, que conta com um campo de futebol. Quanto ao uso desse equipamento, uma entrevistada informa que entre seu grupo de amigas era comum jogar queimado no espaço, mas à medida que “foram arrumando namorados e maridos, engravidando e os homens foram proibindo”. O marido de outra entrevistada costuma jogar futebol. “Isso é sagrado, todo domingo, quatro horas da manhã ele sai de casa”. Mas ele não faz uso do campo situado na Ilha: “Eu jogo lá do outro lado da ponte”.

Visitas a parentes nos fins de semana são citadas como atividades prazerosas por alguns dos entrevistados. Idas esporádicas a missas e cultos evangélicos também são mencionadas.

Para se divertir, as jovens de uma das famílias vão à Lagoa do Araçá, no bairro da Imbiribeira, porém queixam-se da decadência do espaço. “Antigamente tinha muita coisa pra se ver, mas agora, tem mais nada. Nem show tem mais”. Fazem parte da associação Caranguejo Uçá, onde participam de aulas de teatro e trabalhos comunitários. As jovens queixam-se da falta de opções de lazer na Ilha. A matriarca da família diz que quando tinha dança na comunidade não deixava as filhas irem por conta



das drogas. “Tem muita droga e eu tenho muito medo [...] A gente vive num mundo de Deus dará”. As meninas dizem que na ilha: “o povo não sabe brincar, sabe brigar”.

Outra entrevistada, quando sai para se divertir, pega as filhas e vai pra praça do outro lado da ponte. Questionada sobre a existência de espaços para o lazer na Ilha, responde: “Já tomaram conta de tudo fazendo casa [...]. Fora da Ilha tem o parque ali, a gente foi”.

Em outra casa, o casal economiza bastante para “juntar um trocadinho pra sair”. Levam as crianças ao parque em festas populares como a festa de São Cristóvão, festa de Nossa Senhora do Carmo e Festa da Pitomba. Vão a um barzinho “pra tomar uma” ou ainda lembram: “Tem bar na Ilha, mas a gente vai mais fora. Aqui dentro não presta pra beber não”. Ela gosta de sair para shows de “brega” e o marido acompanha: “Se ele não for, eu vou sozinha, tem que ir, o jeito dele é ele ir”.

No ambiente doméstico, observamos que a televisão e o rádio são as principais opções de lazer, além de servir como importante fonte de informação. Uma das entrevistadas afirma que gosta muito de assistir TV e não pode deixar de acompanhar a telenovela “que é de direito”, exclama. Outra mulher afirma que também gostava de telenovelas, mas ultimamente prefere acompanhar os noticiários. Esta, por ser católica, afirma que, por não gostar de ir à missa sozinha, costuma assistir na televisão, no canal 11, no canal 9 ou no canal 13. Uma entrevistada que gosta de assistir novela na TV, diz: “gosto de escutar é tudo” e, lembrando da rádio comunitária com entusiasmo diz: “Tem a rádio Boca da Ilha”.

Outra entrevistada tem uma TV que está quebrada. Ultimamente, ela tem acompanhado com frequência a rádio comunitária do bairro dos Coelhos, pois “ela toca tudo que você pedir. Ela fala de tudo. Tem uma hora que até o prefeito fala na rádio. A daqui eu não escuto. A daqui não faz nada, só faz tocar reggae”. Sobre a Rádio Boca da Ilha ela segue observando: “Só toca música de maconheiro, reggae, eu não gosto de reggae, eu sou muito cultural, não gosto de reggae, não”. Questionada sobre o que viria a ser “cultural”, responde: “brega, pagode...” e afirma que suas preferências musicais são os grupos musicais “Asas Livres, Cassiane e DJ Topó”.

Quanto ao hábito de ler, uma das entrevistadas afirma que gostava de ler romances, mas, como agora não está enxergando bem, não lê mais. Os outros entrevistados não costumam ler.

Entre as aspirações para o futuro apresentadas pelos entrevistados, observamos que é comum querer dar uma vida melhor aos filhos, preferencialmente afastando-os da



atividade pesqueira. Um entrevistado que sempre viveu da pesca afirma: “hoje em dia, eu não quero nem saber. Eu dizia ao pessoal: ‘essa vida que eu tenho eu não quero dar pra meus filhos de jeito nenhum’. Eu sei o que eu sofri”. Continuando, ele afirma:

O que eu não vivo muito feliz é de ter criado meus filhos aqui e eles viverem na mesma função que eu tenho isso eu não queria que eles vivessem de maré. Gostaria que eles tivessem um estudo elevado pra mais pra frente eles terem uma profissão fora da pescaria. O pobre não tem como manter isso.

Quanto à permanência da família na Ilha, ele não tem nenhuma objeção, só enfatiza que deseja para os netos estudo e educação e que mesmo que vivam na Ilha, não vivam da pesca. Outra entrevistada afirma que não quer que os filhos vivam da pesca no futuro: “Eu queria que eles trabalhassem lá fora”. Tal anseio provém da instabilidade que a pesca artesanal representa: “Uma vez a maré dá boa, uma vez a maré dá ruim. É assim, meu filho”.

O sonho de possuir uma casa própria ou melhorar a que possui também é bastante freqüente entre os moradores da Ilha de Deus. Uma entrevistada diz que gostaria de ter um lugar seu em qualquer lugar, mesmo que seja na Ilha de Deus ou em outra favela. “Pra eu bater no peito e dizer que é meu”. Outro entrevistado deseja reformar a casa, “ter uma casa que eu olhe assim quando acabar e diga agora eu moro numa casa”. Sua esposa quer somente terminar de fazer a casa de taipa, pois tem medo de alvenaria, tem receio que a construção caia.

Quanto ao anseio de permanecer ou sair da Ilha, observamos que isso varia de uma família para outra. Enquanto uma entrevistada afirma: “Eu desejo muito tirar minhas filhas daqui. Pra elas crescerem fora disso aqui. Porque isso aqui é demais, é homem dando em mulher, a mulher vai dar parte e a polícia não faz nada”, outra fala: “eu gosto [da Ilha de Deus]. Eu pretendo sair daqui não [...]. Aí meu marido faz: se fosse eu comprava uma casa lá fora. Eu fiz mesmo assim, tu vais só porque eu não saio daqui não”.

Entre as vantagens apontadas por aqueles que pretendem permanecer no local, está o custo de vida: “aqui tem uma vantagem pra quem vive de aluguel. Fora você encontra uma casa por 100, 150. Aqui você encontra uma casa de dois ou três vãos por 30 reais e não paga luz, água, condomínio”. Um importante fator que impossibilita a saída do local, segundo um morador, é a dificuldade de encontrar trabalho lá fora. Certamente, essa dificuldade de inserir-se no mercado de trabalho é ampliada devido à baixa escolaridade dos moradores da Ilha.



A valorização da educação e o desejo de melhorar o nível de escolaridade são observados na jovem que estudou até o segundo ano e quer terminar o ensino médio, mas algumas dificuldades atrapalham esse plano. Ela não pretende seguir estudando no colégio público que abandonou na Imbiribeira porque “aquele colégio ali passou três meses sem ter aula”.

A aposentada que estudou até a terceira série, quando questionada sobre o que deseja para sentir-se realizada, diz que só quer ter saúde e afirma mostrando com alegria a espaçosa casa: “eu tenho tudo”. Orgulhosa, no fim da entrevista nos mostra a placa de formatura da filha no magistério e pergunta: “que mãe não se orgulharia disso?”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vários momentos nesta pesquisa ficou evidente a influência que exercem as lideranças comunitárias na tentativa de constituir uma imagem positiva da Ilha de Deus, na qualidade de um lugar sem conflitos e sem algumas das características que condenam os contextos populares, tais como a violência e o uso e comercialização de drogas. Nesse sentido, pôde-se identificar que esses conflitos ocorrem na comunidade, mas são desconsiderados pelas lideranças locais, especialmente pela associação de pescadores Caranguejo Uça, instituição de maior representatividade política existente na Ilha de Deus e responsável pelo estabelecimento de significativas redes de comunicação com instituições governamentais e não-governamentais fora da localidade.

Esse fato influencia diretamente as aspirações para o futuro das famílias entrevistadas, no momento que almejam melhor qualidade de vida e, em alguns casos, o desejo de sair da Ilha. Quanto ao papel exercido pela Rádio Comunitária, administrada pela associação supracitada, as opiniões das famílias se dividiram. Aquelas que foram entrevistadas na pesquisa exploratória, ou seja, que fazem parte do seletivo grupo de lideranças locais apóiam as iniciativas dos componentes da rádio Boca da Ilha, enquanto as demais famílias demonstram possuir um “olhar” mais crítico em relação à rádio.

Na tentativa de compreender as culturas populares contemporâneas a partir de seu cotidiano, percebemos na pesquisa feita com famílias de pescadores da Ilha de Deus que, mesmo possuindo condições desiguais de acesso aos bens culturais e econômicos, os moradores participam, por meio da comunicação interpessoal, de uma cultura de massa. Isso se dá pelas redes de comunicação que são construídas a partir do cotidiano dessas famílias, que envolvem sua relação com o trabalho na pesca, com o lazer e com os afazeres domésticos.



REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.
- BERARDI, Franco. **O futuro da tecnosfera de rede**. In: MORAES, Denis de. (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes. 1974.
- CANCLINI, Néstor García. Introdução ao estudo das culturas populares. In: _____. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br//home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad98/saude/metodologia.shtm>. Acesso em: 20 ago. 2007.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Cenários do novo mundo**. São Paulo : Edições NTC, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. In: **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Vol.3, n.5, p. 51-59, Set. 2002.
- OLIVEIRA, Edistia M. Abath P. de. **Pesquisa perfil da família da comunidade de Ilha de Deus**. In: Série Pesquisa Social Comunitária. Recife: NUAMPO-UNICAP, Ano 1, vol. 1 no 01, 2003.
- PNUD. **Desenvolvimento humano no Recife**, Atlas Municipal. 2005. CD-Rom.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: Técnica e Tempo Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SANTOS, Rosa de L.A; ADORNO, Rubens C.F. Um ensaio sobre família(s) e suas intersecções. In: AGOSTINHO Marcelo L; SANCHEZ, Tatiana M. **Família**: conflitos, reflexões e intervenções (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez. 2003.
- SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Brasília: Unesco, 2003.
- SOUZA, M. W. (1986). **A rosa púrpura de cada dia**: trajetória de vida e cotidiano de receptores de telenovela. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes.